

O penedo dos ovos, ou Penha Longa — Desenho de Annunciação — Gravura de Pedroso

Tanto que o leitor pozer os olhos na estampa que lhe apresentâmos, reconhecerá logo, por aquella penedia rolada e sobreposta, que é um lanço da famosa serra de Cintra, á qual, pela sua eminencia, chamaram os antigos geographos, monte ou promontorio da lua.

Na estrada real, que váe de Lisboa para Cintra, pouco antes de chegar a esta deliciosa villa, á mão esquerda, fica uma casinha de modesta apparencia, mas de grande nomeada. É a da *Sapa*, antiga e immortal... queijadeira, a cuja porta fazem paradeiro todos os que regressam de Cintra, e querem trazer para a cidade um attestado authentico da sua visita áquelle delicioso vergel de Portugal.

Mesmo ao lado d'esta casinha, se abre uma estrada traversa, que em menos de meia hora conduz a um logar denominado do Linhó ou Linhol, talvez corrupção de Linhal, agro ou plantio de linho, que alli houvesse antigamente.

Não tem o Linhó, de certo, grandes attractivos para o viajante, porque ficando no fundo do valle, que formam os montes da Pena e de Santa Euphemia, faltam-lhe as bellas vistas que offerecem os pincaros de Cintra, as sombras dos seus frondosos bosques, e a frescura maviosa dos seus passeios. Mas em compensação, é o terreno mui florido e virente, por ser continuamente regado das copiosas aguas que da serra se precipitam, como serpes de crystal, colleando-se por entre os pomares e jardins, de que o valle é recortado.

Sobre esta planicie se ergue alterosa, á beira da estrada, a longa penha ou penedo que a nossa gravura representa, e devemos ao lapis do nosso insigne paizaista o sr. Annunciação, e ao buril primoroso do sr. Pedroso.

É formada esta penha por um alteroso grupo de penedos, todos rolados pelas aguas, como em geral são os de Cintra; e sobranceiro a elles, está um, enorme, posto a pino, em cujo vertice assentaram uma grande cruz de pedra os frades do proximo convento que se denominava de Penha Longa, tirando o nome d'esta que lhe está visinha. A cruz desabou já, mas ainda lá se conservam uns resquicios que a estampa accusa.

O povo chama-lhe, desde muito tempo, *penedo dos ovos*, a historia, *pera longa* ou *penha longa*, e uma chronica manuscripta, que temos á vista, composta por um frade jeronymo do mencionado convento, diz que se lhe chamou já em eras remotas, *pedra da verdade*.

A denominação primitiva parece-nos ser de *pera* longa, contracção de *pedra* em portuguez velho. Porque, na escriptura da compra do sitio para se edificar o convento, que transcreve o já citado frade, escriptura feita em 1390, diz o proprietario, que era um João Domingues, corretor da cidade de Lisboa, *que vende por 3$500 réis, moeda corrente de dez soldos, a sua quintan, em Peralonga, que consta de casas, asenhas, vinhas, herdades, pomares, mattos, fontes e foros, a qual parte com caminho que vai de Cintra para a Malveira, com o casal que foi do conde Dom Henrique*, e outros que cita, até entestar com os logradouros dos visinhos do dito logar de *Peralonga*.

Esta escriptura tem muitas singularidades, que por brevidade deixâmos de apontar. Mencionare-

mos, comtudo, que n'este notavel instrumento, se transcreve uma carta del-rei D. João I, com o seu sêllo de camafêo, datada de Santarem, e dirigida ao dito João Domingues, agradecendo-lhe o elle ter accedido aos rogos que lhe fizera para que vendesse a sua quintã aos frades jeronymos; e porque elles lhe não tinham podido pagar até junho, como fôra ajustado, elle, rei, lhe mandava o dinheiro, para que não deixasse de se effectuar a compra, *cá isto he huma couza que cumpre muito ao serviço de Deos e nosso; o que vos muito aggradesseremos, e per que vos faremos mercê.* Assim conclue o mestre de Avis.

Assignam esta escriptura, entre outros, como testimunhas, Bartholomeu Domingues, escholar de leis, filho do vendedor, e João Martins, *costureiro* (?).

Vê-se, pois, que o convento (que foi comprado pelo sr. Bessone), tomou o nome do logar, e este o tinha tomado da penha ou penedo de que estamos fallando.

Sobre a denominação de penedo dos ovos, tão popular no sitio, eis o que nos diz o sr. Munró, n'um apontamento que muito lhe agradecemos.

«Attribue-se o nome de penedo dos ovos, dado a esta penha, á seguinte lenda.

Era voz constante n'aquelles sitios, que debaixo da enorme pedra existia um «thesouro encantado», o qual só se descobriria a quem podesse conseguir derribar a pedra, atirando-lhe com tantos ovos quantos bastassem para conseguir tal façanha. Ninguem a tentava; mas um dia, certa velha do logar quiz emprehender essa tarefa, e munindo-se de quantos ovos pôde juntar por muitos dias, começou a atiral-os sobre o formidavel penedo. Tendo, porém, exhaurido todas as munições, sem poder quebrar o encanto, e faltando-lhe os meios de adquirir ainda mais projectis, abandonou a empreza, e ficaram todavia na pedra, e ainda hoje lá se vêem, os signaes do tiroteio que fez a velha, nas malhas amarellas que cobrem um dos lados do penedo, malhas que os velhos e crianças do sitio affirmam serem as gemmas dos ovos que alli ficaram! Um musgo amarellado, que cobre a parte meridional do penedo, aviventa esta crença dos honrados linholenses.

Este rochedo serviu por muito tempo de signal ou marco aos navegantes que demandavam a barra de Lisboa. Com os melhoramentos da navegação, e a collocação de faróes na costa, não serve hoje o penedo dos ovos senão para colonia de corvos, e admiração dos raros viajantes que alli vão.»

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 38)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

II

O HOSPEDE

Em 28 de setembro de 1807, vespera de S. Miguel, andava tudo n'uma poeira na casa de Val-de-mil!

A tia Brigida, uma mulheraça volumosa e rubicunda, quarentona bem conservada, inspeccionava triumphalmente as fornalhas da vasta chaminé, guarnecidas até á ultima de certans e cassarollas de todas as dimensões, d'onde se exhalavam os mais succulentos aromas. A tia Brigida, ex-cozinheira do reverendo arcediago de Vermoim, gozava fama de assar como ninguem um lombo de porco, e era tida por consummada em beilhozes e massapães de ovos.

O Rodrigues, um velho alto e esguio, que passava por bem fallante, e tinha as honras ambiguas de mordomo e de escudeiro, depois de tirar as capas de fustão ás cadeiras de veludo da sala grande, sacudir os frisos que haviam sido dourados, espanejar e lustrar os pesados moveis, ricamente esculpidos, que de certo contavam mais de dois seculos, dispunha por sua propria mão, sobre a fina e alvissima toalha de linho de Guimarães, estendida na larga banca de carvalho da terra, os talheres de prata massiça, cuidadosamente brunidos, e a baixella da India, que um tio avô do morgado deixára á casa, e entrára no vinculo.

Alguns accessorios, tambem de prata, de um lavor que lhes attestava a respeitavel antiguidade, rematavam o conchego e adorno do todo.

Da taciturnidade meditativa com que o mordomo-escudeiro estudava as leis da symetria, via-se que tinha perfeita consciencia da gravidade das suas complicadas attribuições, e comprehendia a solemnidade da occasião.

A sala de jantar, ao rez do chão, era vasta como um refeitorio. A solidez de todas as pertenças estava indicando que fôra, primitivamente, destinada a saciar em festins homericos os mais robustos appetites.

Pela sumptuosidade das disposições culinarias, e pela magnificencia dos demais apercebimentos, podia-se conjecturar que o morgado teria n'esse dia á sua mesa, como succedia algumas vezes no anno, o senhor ouvidor da commarca, o senhor juiz dos orphãos, e o senhor sargento-mór, as pessoas mais gradas da governança, ou alguns cavalheiros principaes das terras visinhas, que tivessem vindo a montear com o fidalgo na serra da Garraya, e pernoitassem alli, o que tambem não seria raro, e perfeitamente concordava com a afamada hospedagem da casa de Val-de-mil.

Pois não era uma coisa nem outra!

Além dos tres talheres, que designavam quotidianamente os logares do capitão-mór, da morgada, e do abbade, não se notava mais que um. Um só, portanto, era o hospede.

Duas ou tres vezes se afastára o Rodrigues para contemplar a sua obra, e outras tantas voltára a rectificar alguma posição equivoca, ou a corrigir alguma imperfeição esquecida. A final, dilatando os olhos pela perspectiva, na verdade agradavel, que offerecia a mesa posta, como verificasse que nada faltava e tudo estava no seu logar, dignou-se desfranzir os beiços n'um sorriso de satisfação, que era um comprimento á propria pericia.

O Rodrigues era avaro de sorrisos, excepto para com a sua estimavel pessoa.

No melhor d'estes enlevos o veiu sobresaltar uma voz forte, que da porta da sala lhe gritou:

—Aqui está isto, que manda a tia Brigida!

A entrada, sem se atrever a passar adiante, como se aquelle recinto lhe fôra um sanctuario vedado, apparecia um alentado serrano, ajoujado com um enorme taboleiro de tigeladas de requeijão córado, que saíam do forno, e que a tia Brigida effectivamente mandava ao Rodrigues.

—Espera, homem, espera, não entornes—atalhou este, acudindo solicitamente ao taboleiro das tigeladas, que uma admirativa distracção do recemvindo, pouco avezado a taes desempenhos, inclinára para um lado, perturbando a arrumação, e ainda mais o equilibrio, instantemente recommendado.

—Não tenha medo, não trazem molho as malgas—respondeu o serrano, atarantado com as exclamações.—Se caír alguma, apanha-se. Que tem lá?

—Forte alvar!... Deixa... Com cuidado, homem, não quebres... Que pressa tinha a sr.ª Brigida de mandar agora cá isto!

—Eu não sei. Ella diz que vocemecê é que o ha de arrecadar, e que tome conta nos perdigueiros.

—Pois sim, sim—observou o Rodrigues, que das mãos do serrano tomára com as precauções devidas o comprommettido taboleiro, e, accommodando-o n'uma arca immensa, que servia de aparador, o protegia com um guardanapo, até lhe chegar a sua vez de tomar na sobremesa o conspicuo logar que lhe estava determinado. —Pois sim, homem. Isto não era sangria desatada. A sr.ª Brigida não tinha lá a Theresa?

—A Theresa está migando as hervas.

—E o Manoel Francisco?

—O Manoel Francisco está a depennar os patos.

—E o Estrada?

—O Estrada foi dar de beber ás bestas, com sua licença: eram horas.

—E o João do Sobredo?

—O João do Sobredo anda no monte á lenha.

—Então ao menos o João Pequeno—insistiu o escudeiro, apurando a lista dos famulos inferiores. —Podia mandar o João Pequeno, que sempre é mais ageitado do que tu para estas coisas.

—O João Pequeno!—tornou o imperturbavel serrano, sem se offender do infimo conceito em que o tinham—o João Pequeno foi ao rio, ás truitas!

Este derradeiro bote desarmou o Rodrigues, que tratou de encobrir a derrota, exclamando:

—Se isto hoje ninguem se entende aqui!

As observações do escudeiro ácerca da incompetencia do intruso não eram destituidas de fundamento. Este mesmo o reconhecia. O seu trajo, figura e modos, protestavam energicamente contra o serviço de que fôra interinamente incumbido, á falta de gente, como se vê.

Inculcava elle ser homem dos seus trinta e cinco annos, para mais, baixo mas reforçado, tão vigoroso e agil na montanha, como desastrado nos misteres caseiros. Os grossos borzeguins de couro cru, de evidente procedencia castelhana, e a jaqueta curta de panno de varas, coçada do matto, estavam certificando quanto as suas occupações, exclusivamente externas, haviam de ser alpestres e rudes.

Antonio Alegre era o seu nome, nome assaz justificado pela cara mais jovial e pela indole mais bonacheirona d'este mundo. Com ser tão pacifico, era o terror da tia Brigida, em consequencia dos numerosos fracassos que a sua apparição na cozinha de ordinario occasionava. Diziam, porém, as más linguas, que os ralhos e as apostrophes mais bravas da matrona encobriam mal uma secreta predilecção.

Fosse como fosse, todos em casa exprobravam os desconcertos do Alegre, que ria d'estas miserias, e todos morriam por elle, sem exceptuar o fidalgo e a morgada, de quem era valido, e que por sua parte adorava. Verdade é que, se tudo fazia ao revez nos trabalhos domesticos, e era um «quebradiço», como dizia a tia Brigida, resgatava estes leves defeitos com os mais uteis predicados. De Santa Comba a Monte-rei não havia espingarda que se lhe comparasse. Diziam d'elle os mais pimpões da provincia «que onde punha o olho punha a bala.» Tinha um folego incomparavel, e nas arestas agudas das serras, com o abysmo aos pés, corria tão firme e senhor de si como se estivera no rocio da villa.

Assim, nunca faltava na farta mesa do capitão-mór a melhor caça do matto e do monte, coisa que lisongeava o fidalgo, regozijava o abbade, e não era indifferente á tia Brigida.

O Alegre tinha em casa a graduação de couteiro, qualificação um pouco ambiciosa. A dignidade não correspondia exactamente ás suas funcções; mas soava bem, e dava-lhe uma importancia só d'elle ignorada.

Sendo caçador, como era, o fidalgo apreciava grandemente, já se vê, os meritos do Alegre; e o Alegre privava com s. s.ª, e com o sr. abbade, de um modo que não era dado ao vulgo. Este concurso de circunstancias especiaes fazia com que o bom do couteiro, apesar da sua rusticidade e natural comedimento, rivalisasse em influencia com a tia Brigida e o senhor Rodrigues, o que não era dizer pouco.

A exclamação do mordomo fez naturalmente pender a conversação para o que já era preoccupação de todos os familiares.

—Diga lá, tio Rodrigues (o mordomo e a cozinheira, um pela auctoridade do cargo, a outra pelas dependencias, eram tios universaes) diga lá—ponderou o couteiro—pelos modos temos hoje cá gente de maior.

—Olha—respondeu laconicamente o mordomo apontando para o unico talher que havia na mesa, além dos tres do costume.

—O que! Pois só um?

—Só.

—E por isto vae uma azafama tamanha!

—São ordens do fidalgo.

—Eu pensei que nos caiam ahi os da villa como tordos. Como é amanhã dia de alardo...

—O alardo faz-se na veiga da Barroza. Ainda agora o sabes, homem?

—Sabia já. Se eu vou na companhia do capitão de Pegarinhos, que tem falta de atiradores! Por tal signal que já tenho a arma como um brinco. E ha de se lhe ver quem bate no alvo!

—Pois então, sendo o alardo na Barroza, é natural que os capitães vão todos jantar a casa do sr. ouvidor, que é mais perto.

—Mesmo o morgado consente. Por mais um motreco de caminho, tanto monta um nada...

—Pois sim; mas isto hoje não tem nada com o alardo de ámanhã, bem vês.

E o mordomo, recorrendo novamente á concludencia dos argumentos visiveis, tornava a indicar o accrescimo de um só talher, que significava um só hospede.

—Ai! Deus Senhor!—exclamou o couteiro, que media com razão a importancia da visita pela grandeza dos preparativos—então é elle pessoa por ahi além! O sr. juiz corregedor, querem ver!

—Se fosse o sr. juiz corregedor, vinham tambem os officiaes da correição—ponderou sentenciosamente o mordomo, aproveitando a opportunidade de fazer admirar a sua perspicacia e instrucção.

—É verdade—tornou o couteiro convencido—Oh!...

—Que é?

—E se fosse o nosso arcebispo?...

—Sabes lá o que dizes! O reverendissimo senhor arcebispo (já se notou que o Rodrigues era bem fallante) o reverendissimo senhor arcebispo andava agora por ahi sósinho, sem mais estado, nem nada... Nunca se viu.

—Então quem é elle? Algum principe encoberto! Dizem que os ha, tio Rodrigues.

O mordomo, que estava tão adiantado como o couteiro, mas que se queria dar por intimo confidente do amo, acudiu n'este ponto com uma conclusão cheia de reticencias, como se soubera uma infinidade de coisas.

—A esse respeito, Antonio, melhor é dar um ponto na lingua. O fidalgo que assim abre a sua casa, bem sabe a quem o faz e como o faz. Nunca ouviste «que pela bocca morre o peixe?» E lá diz tambem o outro: «quem muito falla pouco acerta.»

—Está bom, está bom. Isto tambem era só por conversar. O fidalgo onde está?

— Por que?

— Em elle podendo, quero-lhe dizer que apparece rasto de porco lá para as bandas de Martim.

— Ha de estar no eirado a ver se chega a visita.

— Qual visita?

— A pessoa que se espera.

— Ai! o tal... Então bem digo eu!

— Logo lhe fallas.

O Rodrigues não deu tempo a mais observações. Como tudo na sala de jantar estivesse acondicionado e em termos, intimou o competente mandado de despejo ao couteiro, e saiu dando volta á chave, para acautelar tudo, como recommendára a tia Brigida, das invasões dos perdigueiros, que já andavam farejando no corredor, attrahidos pelas appetitosas emanações da doçaria.

O capitão-mór estava no eirado da casa, conforme dissera o Rodrigues. Pelo que ouvimos na palestra dos dois, é facil inferir que effectivamente aguardava o hospede, causador innocente d'aquelle reboliço domestico.

Declinava a tarde serena e formosa. Ao nascente, empinavam-se as penedias escuras da serra, entremeiadas de matto verdenegro. Ao poente, dilatavam-se as encostas cobertas de linhaes, e algumas veigas risonhas, que a ribeira cortava serpeando. Era um quadro singularmente attractivo nas suas agrestes opposições; formidavel a um lado, gracioso ao outro, bipartido de amenidade e pavor.

Seriam seis para as sete horas. Um bello raio de sol inflammava do occaso as vidraças do andar superior da habitação.

As janellas de Val-de-mil, importa dizel-o, tinham vidros. Este luxo, quasi fabuloso por aquelles tempos em taes paragens, acclamava mais alto do que tudo a opulencia do morgado.

Interrogava o fidalgo o trilho, condecorado com o nome de estrada, que além da ribeira colleava pelos outeiros. O abbade, sentado á porta, folheava um magro tratado da caça d'altaneria, que encontrára entre os dez ou doze volumes desemparelhados, de que se compunha a livraria da casa. Ignez passeava preoccupada, fitando de quando em quando no pae uns olhos em que transluzia a curiosidade que o respeito continha.

Sabia ella, como os outros, que se esperava uma visita. Pelas ordens que ouvíra sabia tambem que era homem, circunstancia soffrivelmente interessante para uma donzella pouco affeita a ver gente estranha. Presumia, como todos, que havia de ser pessoa de consideração, a julgar pelos preliminares.

Era, porém, mancebo ou edoso? Era da provincia ou da corte? Porque vinha, e a que vinha?

Todas estas interrogações, e muitas mais, tumultuavam desusadamente no espirito da gentil menina, como a seu pezar. Bem quizera ella perguntar alguma coisa. Isso, porém, era temeridade que nem julgava possivel.

O morgado andava enigmatico havia tempos. O modo mysterioso por que nos ultimos dias começára a fallar do hospede, que havia de chegar para o S. Miguel, dava-lhe seus ares de sphynge. O mesmo abbade, de ordinario bem informado, não entrára na confidencia, ou, se entrára, fechára-se com o segredo.

A preconisada visita, além da importante variação que trazia comsigo, e do prologo festival que a precedia em casa, recommendava-se como solução de um problema.

Cabe aqui observar que, por insciencia do morgado e descuido do abbade, Ignez lia e relia o livro da *Menina e Moça*, do poeta das saudades, outro volume esquecido nos armarios do cartorio. Naturalmente esta leitura captivou-a mais do que o *Lobato*, e desde certa epocha não achava coisa de mais sabor. Á força de scismar e decorar os lances que a deleitavam, povoou-se-lhe a phantasia juvenil de Bimnardeis aventureiros, tão namorados como garbosos, que passavam a vida em requebros com suas damas, ou em combates por ellas.

Por aqui se ha de ajuizar como lhe daria rebate ao espirito o acontecimento, que revolucionava a casa, e lhe apparecia exornado de um sem numero de incognitas.

Sabe Deus quantas imaginações lhe tinham já desvelado as noites anteriores.

Era, em fim, sol posto, e o fidalgo começou a impacientar-se.

— Quantas legoas fazem de Villa-flor aqui? — disse voltando-se de repente para o abbade.

O abbade, colhido de subito, fechou o livro, fez a sua resenha mental, e respondeu:

— Ha de andar por seis. A Abreiro duas, duas e meia a Mofebres, e para cá do rio...

— Legoa e meia — acudiu impetuosamente o capitão-mór, que achára no abbade a confirmação dos seus proprios calculos. — É isso. Seis legoas, o mais. Um dia inteiro para andar seis legoas!

— Os caminhos são maus.

— Qual maus! Na edade d'elle importavam-me lá caminhos! Nem agora mesmo. E de mais a mais vindo ao que vem.

Ignez, que não perdia uma palavra, aproximou-se machinalmente á extremidade do eirado. Seu pae dissera: «na edade d'elle.» Ou não havia logica, ou o suspirado hospede era moço, e muito moço. De companhia com estas significativas palavras tinha-lhe soado est'outra phrase, não menos digna de attenção: «vindo ao que vem.» A que viria?

A donzella, turbada de um sobresalto incomprehensivel, alongou os olhos pelo carril deserto até onde a vista alcançava. Suppunha ver a cada momento romper n'um turbilhão de poeira, d'entre os soutos que fechavam o horisonte, um ginete á desfilada, e n'elle, complemento indispensavel, um guapo cavalleiro, de armas luzentes e plumas ondeantes.

O abbade achegou-se para auxiliar esta dupla investigação.

— Repare v. s.ª, senhor capitão-mór — disse elle depois de alguns segundos de attento exame. — Não vem alli um cavalleiro?

— Onde? Não vejo.

— Ahi não. Cá mais perto. Pela banda debaixo da ermida. Alli... isso... Lá sáe da ramada dos castanheiros.

— É verdade. Vinha encoberto com as arvores. Agora, agora. É elle mesmo.

Ignez seguia avidamente a indicação do abbade.

Quasi defronte do eirado, já para diante de um cerrado de castanheiros, na vereda que levava á ponte de pau onde se atravessava a ribeira, apparecia com effeito, a menos de duzentos passos, o individuo a quem o morgado passára um certificado da identidade de pessoa, exclamando: «é elle mesmo.»

Choutava pacificamente o modesto cavalleiro, bamboleando as pernas a fim de excitar o ardor duvidoso da sua mulinha menos que meã. Um par de alforges túrgidos sacudia as ancas á cavalgadura, e atravessado na frente da almatrixa sobresaía um guarda-sol colossal, que nos seus tempos fôra vermelho.

A pouca distancia vinha um labrego pedestre, provavelmente seu criado.

A menina de Val-de-mil fez-se de côres. O objecto d'aquellas anticipadas attenções, o desejado, o mysterioso, desdizia tão flagrantemente do sonhado Bimnardel, que a pobre da donzella esmoreceu toda lá por dentro.

Quanto ao morgado, a prosaica trivialidade com que se apresentava o hospede não lhe diminuiu um atomo nos alvoroços, nem revogou as ordens dadas para o festejar.

A recepção foi cordial da parte do fidalgo, obsequiosa da parte do abbade, timida e secretamente molesta da parte da donzella. Conversou-se pouco. O recem-chegado vinha enfadado da jornada. Ignez pôde apenas perceber que se chamava o sr. doutor Diogo Montez; que era da casa de Royos, da commarca de Villa-flor; e que saíra no anno antecedente da universidade, onde se formára *in utroque jure*, particularidade obscura, que, posto inspirar um grande acatamento ao abbade, lhe parecia, a ella, a coisa mais indifferente d'este mundo.

Ás oito horas estava a ceia na mesa.

Como a natural sagacidade do leitor já terá aventado, as formidaveis preparações da tia Brigida, e os arranjos artisticos do Rodrigues eram para a ceia. Mas que ceia!

Ás dez horas durava ainda. As sobras podiam dar tres dias de jantar a vinte pessoas!

Ás dez e meia, hora insolita, só justificada pelas profusões do opiparo festim, o doutor caía de somno, e o abbade, um pouco turbado das fortes evaporações de algumas garrafas velhas do Douro, ía



O rhinoceronte

succumbindo á modorra que lhe invadia o cerebro.

A mesma Ignez, tão constrangida ou agastada, que nem agradecêra os comprimentos ao doce de damascos, obra prima de suas mãos, a mesma Ignez mal podia encobrir os hiatos prolongados que amiudadamente a accommettiam.

O morgado levantou-se em fim. O abbade, despertando em sobresalto, deu as graças, embrulhando um pouco os padre-nossos, e retirou-se. O Rodrigues pegou em dois castiçaes de prata com velas de cera branca accesas, e precedendo o hospede conduziu-o aos seus aposentos.

A menina de Val-de-mil, ficando só com o pae, ajoelhou, como era uso, para lhe pedir a benção.

Depois de lhe dar a mão a beijar, o morgado, levantou-a nos braços com affecto além do ordinario, e, sem mais preambulos, rodeios, nem commentarios, disse-lhe:

—Estás uma mulher, e eu não posso durar sempre. Ha viver e morrer. Este moço que viste vem ser nosso hospede. É filho de um amigo meu. Boa casa e boa gente. Não ha melhor, dez legoas em redondo. Está já tudo ajustado. D'aqui a tres mezes casas com elle. Boas noites, filha.

E recolheu-se tranquillamente ao quarto, onde dor-

miu de um somno as suas oito horas do costume. Ignez ficou estupefacta. Subindo á sua camara, levava as faces ardentes e aljofaradas, que nem duas rosas de Alexandria salpicadas do orvalho.

Verdade, verdade, não posso positivamente asseverar que passasse a noite como o pae.

MENDES LEAL JUNIOR.

O RHINOCERONTE

É o rhinoceronte, depois do elephante, o maior dos quadrupedes. Tem doze pés de comprimento desde a extremidade do focinho até á origem da cauda; e a circunferencia do corpo é quasi egual ao comprimento. Assimilha-se ao elephante no volume; e, se parece mais pequeno, é porque tem as pernas mais curtas, proporcionalmente, que as do elephante, do qual ainda se differença, sobre tudo, pelas faculdades naturaes e pela intelligencia. Privado de toda a sensibilidade na pelle, faltando-lhe mãos e orgãos distinctos para o tacto, sendo a tromba substituida por um beiço movel, o rhinoceronte é superior aos outros animaes só pela força, grandeza e arma offensiva que lhe sáe das ventas. Esta arma é um chifre durissimo, solido em todo o comprimento, e mais vantajosamente collocado que os chifres dos outros animaes ruminantes; o rhinoceronte, por isso, tem preservadas todas as partes anteriores do focinho e a bocca. A pelle é mais dura e espessa que a do elephante; e o movimento da cabeça e das pernas, que terminam em largas patas, com tres enormes unhas, é ajudado pelas rugas do pescoço, das espadoas e da anca. Tem a cabeça maior que a do elephante, porém os olhos mais pequenos, e não os abre completamente.

O queixo superior é mais avançado que o inferior, e o beiço de cima tem movimento, póde estender-se até seis ou sete pollegadas, e termina por um appendice pontagudo, que lhe dá facilidade para pastar. Póde considerar-se este beiço, muscular e flexivel, como especie de mão ou tromba imperfeita, que não deixa, todavia, de agarrar com força e apalpar com destreza. Além do chifre, servem-lhe de defesas os dois dentes incisivos em cada queixo, aos quaes nenhum dos outros dentes se póde comparar. As orelhas conservam-se direitas, e parecem-se com as do porco.

A côr dos rhinocerontes é, em geral, azeitonada; na Africa encontram-se alguns que são cinzentos, e dizem que tambem os ha brancos. Ha-os na Asia, na Africa, em Bengala, em Sião, em Laos, no Mogol, em Sumatra, Java, Abyssinia e Ethiopia, no Congo, e até no Cabo da Boa-Esperança.

A caça do rhinoceronte é de difficuldade e perigo. Como a intelligencia d'este quadrupede é assaz limitada, os naturaes da Africa meridional armam-lhe ciladas nas estradas. Consistem estas armadilhas em encher profundas covas com folhas, fructos e raizes, de que o rhinoceronte se alimenta, e onde se envolve, despenhando-se no abysmo que lhe prepararam. O ruido da quéda avisa as tribus, que logo acodem ao sitio, e lançam-lhe madeiros incendiados, materias resinosas produzindo grande fetido e fumo, que suffoca o animal, ou o mata entre as chammas.

Para mostrarem todo o poder e força do quadrupede, contam os viajantes que a passagem do rhinoceronte por qualquer logar ou povoação, é signalada por continuas devastações. Na Asia chegam a organisar-se columnas de intrepidos caçadores armados de espingardas, com pecinhas de campanha, e alões amestrados n'estas emprezas, para bater a terrivel fera. Lemos algures, que no cêrco de uma praça não se empregariam prudencia e valor eguaes. Ás vezes não regressam ao ponto de partida os caçadores que se dão a estas luctas de gigantes. Todos succumbem aos solavancos do rhinoceronte.

O seguinte facto, narrado por um illustre viajante, prova sobejamente o perigo a que se expõem os caçadores, e dará a explicação da nossa estampa. Ouçamol-o.

«Um dos meus amigos, mr. Duvanchel, pagou caro, junto ao Ganges, um acto de temeridade contra um rhinoceronte devastador, caçado por vinte denodados europeus. Quiz, desprezando os conselhos dos experimentados em taes combates, postar-se além de uma quebrada, em que se fazia a caçada, esperando assim, escondido por uma arvore, evitar a pancada do animal enfurecido. O rhinoceronte, excessivamente irritado por uma larga ferida, investiu contra Duvanchel, o mais inoffensivo dos caçadores. Apavorado, nem pensou na espingarda, nem na faca-de-mato, de que gentilmente se armára; fugiu com toda a agilidade, e dirigiu-se para a quebrada, onde esperava encontrar refugio; depois, com a mesma ligeireza, procura outra arvore, atraz da qual se abriga, pensando que o rhinoceronte passaria sem o descobrir. Mas de subito ouve, perto de si, o rebombo da carreira do colosso; estende a cabeça para calcular a grandeza do perigo que o ameaça, e vê o monstro que vinha do lado, mas um pouco adiante; inclina-se para traz; o astuto rhinoceronte faz um movimento obliquo, e com o chifre atira com o meu infeliz amigo para lá da quebrada. A fera salvou-se no bosque, depois de matar um combatente e ferir tres. Duvanchel, com muitas partes do corpo fracturadas, foi morrer, passados dias, a Calcuttá, onde os estudos e explorações o detinham. A sciencia tambem tem os seus riscos.»

Em conclusão, os indios domesticam o elephante e o leão, para com elles guerrear o temivel inimigo dos seus lares. Ha, porém, quem affirme que o rhinoceronte não foge ás leis da submissão perante o homem. Alguns viajantes asseguram ter visto, nas provincias do interior da India, e, sobre tudo, ao pé da gigante cadeia do Hymalaya, rhinocerontes domesticos e dóceis á voz dos guias, que os empregam em transportes de familias, tendas, bagagens, etc., como se foram elephantes. No entretanto, parece que a sua fidelidade é duvidosa; porque, segundo uma brochura publicada em Calcuttá (1813), um d'estes rhinocerontes, que ia conduzindo uma familia de indios, mudou subitamente de andadura, e desobedecendo á voz do guia, precipitou-se n'um rio proximo, o qual atravessou a nado. Toda a carga se afundou.

Não ha discreto que não seja benigno, nem ignorante que não seja rigoroso.

*

É signal de enfermidade o dissabor com que se gostam os bons manjares. *Francisco de Moraes*

*

Os que não tomam as medidas ao que podem, cuidam que podem tudo.

*

Nenhuma coisa se pedirá a Deus em memoria do nome de Maria, que não seja concedida.

*

O rei ha se de matar e morrer, para que os vassallos vivam. *Padre Antonio Vieira*

*

Lei é da natureza, e tão antiga como ella propria, serem os filhos obrigados a pagar as dividas de seus paes. *D. Francisco Manoel de Mello*

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro, de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esaú — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Vid. pag. 42)

V

Adormecemos nas ilhas da Oceania, e sonhámos com as arvores gigantes que temos visto. Deixemos estas ilhas; atravessemos o Oceano, depois a Africa de lado a lado; desçamos á Senegambia, região predilecta do boabab ou *bombax*, de que ouvimos fallar muita vez, e que, com franqueza o confessâmos, nos divertiu muito na infancia, tanto pela originalidade estridente do nome, como pela definição que nos deparou, na letra B, um volumoso diccionario da academia. O nome, e a definição, que dizia ser o da maior arvore do mundo, não nos saíam do pensamento.

Para o ver em toda a magnificencia, vamos a Cabo-Verde. Observem o que Adanson alli mediu, perto da villa de Sor, e ao qual deram o nome scientifico de *Adansonia digitata;* pertence á familia das malváceas. O tronco é curto e de enorme grossura; as folhas são lanuginosas, largas, cordiformes, ás vezes recortadas, á similhança da mão de homem, e de côr purpurea. Adanson viu-se obrigado, para abraçal-o, a dar treze voltas em roda, estendendo os braços tanto quanto possivel; mediu 65 pés de circumferencia, ou, pouco mais ou menos, 22 metros. Póde tambem admirar-se n'elle os ramos de 55 pés, que tocam no solo, e que, por assim dizer, formam separadamente arvores monstruosas.

A grossura media d'esta especie é de 25 pés de circumferencia, e são precisos oito seculos para a alcançar.

Vejamos os mais bellos na ilha de Cabo-Verde. O que Adanson viu antes de nós, tem 76 pés de circuito, e est'outro 77 (fig. V). Adanson tambem observou suspensos dos ramos, como se fossem grandes cestos atados pelas azas, alguns ninhos de 3 pés de comprido, e de fórma oval, que, sem duvida, affirma elle, serviriam para aves do tamanho do abestruz.

O boabab carrega-se de fructo redondo ou oblongo, com casca egual á de certos cocos, de uma pollegada de espessura, porém doce e oleoginosa; está cheio de substancia esponjosa, especie de chocolate preparado pela natureza, mui sumarento.

A cortiça do boabab, reduzida a pó, é febrifuga e boa para a transpiração. As abelhas selvagens vão fazer os seus ninhos nas fendas dos enormes troncos do boabab; ahi recolhem o mel que se distingue por um aroma particular, e que julgam, principalmente na Abyssinia, superior a todo outro mel.

O boabab é tambem chamado, nas ilhas em que abunda, pão do macaco, provavelmente porque os macacos se alimentam com os seus fructos. Os portuguezes em Cabo-Verde chamam ao boabab, cabaceiro, em razão da configuração do fructo.

O illustre viajante, que citámos, calculou que o maior boabab da ilha de Cabo-Verde teria 5.150 annos de edade.

VI

Regressemos á Europa. Não sigo comvosco o systema ordinario da progressão ascendente; comecei pelos maiores, e acabarei pelos mais pequenos. É uma fantasia.

Temos formosos olmos na Europa. Não se trata, é verdade, das dimensões monstruosas que medimos; trata-se, porém, de outras que merecem a nossa visita. Iremos ver o olmo de Morges, n'um valle do lago Leman, a algumas legoas de Genebra.

Não existe; caiu, ao abalo de um furacão, á uma hora da noite de 5 para 6 de maio 1824. Mas não importa. Como viajâmos com a imaginação, o passado não deve ser para nós inaccessivel. Este olmo é soberbo! 11¼ metros de circumferencia no sitio em que os ramos se desenvolvem do tronco tão magestosamente; á saída do solo, um diametro de 5 metros e 70, o que dá um ambito de perto de 18 metros. Uma cadeia formada por doze ou treze homens podel-o-hiam abraçar. O comprimento do tronco, da terra ao primeiro ramo, é de perto de 4 metros (3^m,88); o olmo está na fig. VI em miniatura, levada ás proporções que lhe convem em relação aos outros gigantes da vegetação terrestre.

Um só dos ramos tinha 5 metros e 44 de circumferencia, e projectava mais outros cinco ramos na extensão aproximativa d'aquella. Um d'elles guardava a grossura perfeitamente egual sobre o comprimento de 9 metros e 74, e na altura de 23 metros, ou 69 pés, mediam-se ainda 97 centimetros de circumferencia.

Parece-me, leitor, que este olmo era tão admiravel, no seu genero, como os que vimos até aqui. O que ficou no mesmo logar foi um irmão pequeno, porque eram dois em Morges; e como de ordinario succede nos cataclysmos, o grande succumbiu, e o pequeno sobreviveu. Apesar d'este não ter ainda chegado á grandeza do primogenito, vê-se que é superior em belleza a todos os olmos, e que um dia justificará as pretenções que annuncia já. É preciso tempo, e muitos homens morrerão na visinhança antes de que o novo olmo chegue ao apogeu da sua gloria.

Dizem que a floresta de Puy-Saint-Ouen, nos Vosges, possue tambem uma arvore da mesma especie, que tem 33 metros de altura, 13½ de circumferencia, 25 de envergamento, e os ramos medem 6 metros em roda na origem. É digna rival. Deixemos, porém, os olmos, para visitar um formoso carvalho. O carvalho é meu predilecto. Era a arvore de Jupiter, se não érro, o que não me admiraria, porque eu sou tão moderno, leitor amigo, que todos os dias faço a possivel diligencia para me esquecer da mythologia.

VII

É o carvalho da floresta de Salcey, na Inglaterra, fig. VII. *The great Salcey oak* (o grande carvalho de Salcey, dizem os inglezes). Aqui estamos para o ver, a 10 milhas de Northampton. Tem 46 pés e 10 pollegadas de circumferencia na base, em medida ingleza, o que dá pouco mais de 14 metros, grossura enorme para um carvalho, porque são precisos nove homens para o cingir.

A 9 pés da terra, apresenta 16 pés e 2 pollegadas de circumferencia; e no interior do tronco mostra uma caverna vegetal com duas aberturas, uma de cada lado. O major Rooker deu já á estampa a descripção d'este carvalho. Brevemente encontraremos outro em França, que tambem é digno de attenção.

(Continua)

O modo com que se escreve, é um pouco mais apurado do com que se falla. *Francisco de Moraes*

*

É antigo costume dos homens que não prestam para nada, quererem-se metter em tudo.

D. Francisco Manoel de Mello

CHAFARIZ DE BELEM

Se esta cidade de Lisboa é pobre em monumentos de architectura, a dos chafarizes é pobrissima.

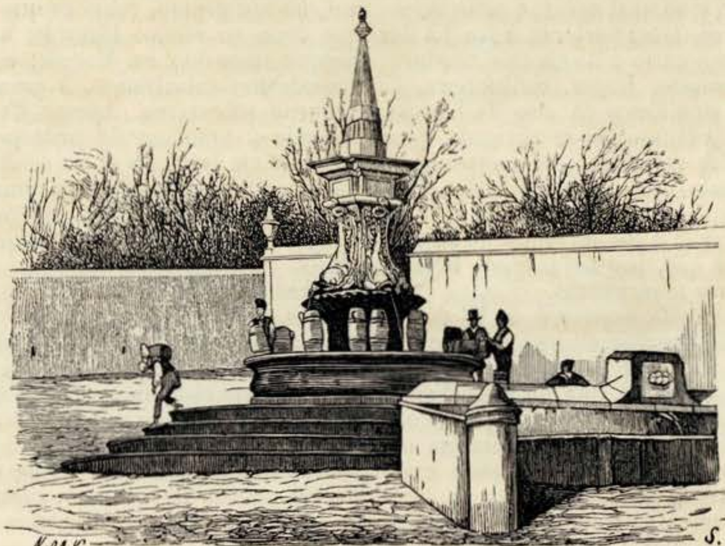
Os modernos não devem nada aos antigos em obra de arte, antes lhe são inferiores, e alguns servem de padrões da ignorancia e falta de gosto artistico dos architectos que infelizmente tem tido o municipio.

Merece honrosa excepção o que mandou edificar a vereação municipal de 1846 no bairro de Belem, posto que os quatro golphinhos por onde corre a agua, sejam de esculptura antiga, suppondo alguns que pertenceram ao chafariz que n'outros tempos houve no Rocio.

É ainda do nosso tempo o chafariz chamado da «Bola» por ser d'esta feição o globo de bronze que coroava a columna por onde subia a agua para as bicas. Era este o unico que havia no bairro de Belem. Consta por escripturas existentes no archivo da camara de Lisboa, que o senado comprára em 1611, por 150$000 rs., a Luiz Moreira e sua mulher Catharina Antunes, um charco que estes possuiam n'um serrado, sito em Alcolena, e d'aqui a encanára para Belem, permittindo o prior do convento dos Jeronymos, que o encanamento passasse pela sacristia, deixando alli uma porção de agua para o lavatorio. Era este o systema fradesco das pitanças.

Tal foi a origem do chafariz da Bola, que persistiu no pequeno largo que fica entre a praça de Belem e o largo dos Jeronymos até 1837. Como porém esta fonte não bastasse para o consumo dos moradores d'aquelle bairro, porque de verão chegava a seccar, a camara municipal de Lisboa resolveu mandar construir um chafariz novo e copioso, para o que comprou varias barracas que havia no chão salgado [1] por 1:000$000 rs., as quaes demoliu para fazer praça ao novo chafariz.

Começou-se a obra no principio de junho de 1846, e a 4 de abril de 1848 principiou a correr a agua, perante um numeroso concurso de espectadores, e do respectivo vereador do pelouro das aguas, o fallecido pharmaceutico do Rocio, Antonio de Carvalho.



O chafariz de Belem

Este chafariz, como se póde ver pela nossa gravura, é elegante, e todo elle de boa cantaria. Os quatro golphinhos que lhe servem de bicas estavam guardados desde muito tempo n'um telheiro a S. Pedro de Alcantara, dizendo alguns que se haviam tirado do antigo chafariz do Rocio; mas o sr. José Sergio Velloso de Andrade, archivista da camara municipal de Lisboa, na excellente memoria que publicou em 1851 sobre os chafarizes e fontes d'esta cidade, e ao qual se devem estas noticias ácerca do de Belem, julga que estes golphinhos estavam destinados para o grandioso chafariz que se projectava fazer no Campo ne Santa Anna, nos fins do seculo passado. Diz elle tambem que são obra do esculptor portuguez Antonio Gomes, o qual, como auctor d'eles, não achâmos nomeado nas fidedignas *Memorias* das vidas e obras dos artistas nacionaes, colligidas por Cyrillo Volkmar Machado.

Este chafariz de Belem, com o custo das expropriações, novos encanamentos, jornaes e materiaes, importou em 11:800$000 rs.

Não será descabido dizermos para remate, que o artista Alexandre Gomes, que esculpiu os golphinhos que se applicaram a este chafariz, é juntamente auctor dos quatro tritões que já estiveram postos no tanque do passeio publico, e hoje não sabemos onde os sumiram; e egualmente das duas figuras do Tejo e Douro, que ainda se acham no mesmo passeio, assim como das quatro carrancas que actualmente estão no chafariz de Alcantara. Todas estas esculpturas fez o dito estatuario Alexandre Gomes por 3:000$000 rs. para o projectado chafariz do Campo de Santa Anna, de cujo desenho contâmos dar uma copia em gravura.

Quando os monarchas se encaminhavam bem, era quando caminhavam a ver os philosophos, d'onde lêmos, que das duvidas dos principes, elles proprios appellavam para a sentença dos sabios. Diga-o Farao nos sonhos, Nabuco nas illusões, Balthasar nas evidencias.

D. Francisco Manoel de Mello

1 Era o solar dos Tavoras, que pelo attentado contra a vida de el-rei D. José, foi mandado arrasar e salgar.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.